

O eterno Professor e pioneiro dos estudos sobre média em Portugal.

Homenagem a José Manuel Paquete de Oliveira

Autora Tânia de Morais Soares

ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa

Entidade Reguladora para a Comunicação Social (ERC)

tania.soares@erc.pt; tania.soares@iscte.pt

Gostaria de começar por falar de uma pessoa que tem marcado profundamente a minha carreira e que me transmitiu orgulho em ser socióloga. A esta pessoa devo muitos dos meus sucessos profissionais, através dela tive a oportunidade de explorar campos de conhecimento aliciantes, de descobrir o sentido e a importância da investigação sociológica.

Mas não é apenas no âmbito do amadurecimento profissional que lhe devo um forte e sincero agradecimento, é alguém por quem nutro uma verdadeira amizade, por quem tenho a maior das considerações, que me ensinou a ser uma pessoa melhor, mais competente e mais solidária. (Soares, 2006).

Assim começa o livro que publiquei, em 2006, e que se baseia na tese de mestrado orientada pelo Professor Paquete de Oliveira (Soares, 2006).

A sua vida atravessou períodos históricos diferentes e marcantes, do contexto da II Grande Guerra à Guerra Fria, simbolicamente assinalada em direto com as imagens da queda do muro de Berlim, presenciou ainda o expansionismo norte-americano e chinês, a adesão de Portugal à CEE (Oliveira, 1992) e o atentado às torres gémeas, a inauguração da “guerra em direto” com a cobertura televisiva da invasão do Iraque, e a crise das dívidas soberanas, não tendo chegado a saber o resultado do referendo sobre o Brexit.

Em Portugal, cresceu com o Estado Novo, testemunhou a dinâmica política impulsionada pelo 25 de Abril de 1974, presenciou a consolidação do sistema democrático representativo, transpôs os anos da “austeridade” e viveu para assistir ao imprevisível acordo de incidência parlamentar entre o PS, PCP e o Bloco¹.

¹ Retirado de <https://www.publico.pt/2016/05/02/politica/noticia/dois-discursos-dominantes-o-aziago-o-da-esperanca-1730673>

Observou as mais relevantes inovações tecnológicas no campo da comunicação, dos anos da rádio ao monopólio da televisão pública, a abertura aos operadores privados, a instalação da TDT; do telefone fixo ao móvel, aos *androids*; da máquina de escrever aos primeiros computadores, do portátil ao *tablet*.

Presenciou todas estas transformações com curiosidade, instigando gerações e gerações de alunos a interpretá-las, a analisá-las, a compreender os seus usos sociais e a sua influência nas sociedades e nos diferentes contextos ou grupos. Estudou e ensinou-nos a compreender quem somos, onde estamos e para onde vamos.

Quando a Revista Comunicando, da Sopcom, associação da qual o Professor José Manuel Paquete de Oliveira foi fundador e à qual presidiu, me convidou para escrever este artigo em sua homenagem, a minha preocupação maior foi ser capaz de lhe fazer jus.

O Cidadão

José Manuel Paquete de Oliveira nasceu no Funchal, Madeira, a 20 de Outubro de 1936, onde também frequentou o seminário e foi ordenado padre. Em 1959, ainda muito jovem, tornou-se chefe de redação do *Jornal da Madeira*. Já em Roma, em 1973, licenciou-se em Ciências Sociais através da Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Gregoriana PUG.

Volta a Portugal, abandona o sacerdócio e passa a dirigir o *Diário de Notícias da Madeira*. Muda-se depois para Lisboa, tendo entregado a sua carteira profissional de jornalista e iniciado, em 1976, o seu percurso como docente, investigador e académico.

Doutorou-se em Sociologia pelo ISCTE em 1998, com a tese *Formas de Censura Oculta na Imprensa Escrita em Portugal no Pós 25 de Abril (1974-1987²)*, onde alerta para um novo tipo de censura, menos visível, decorrente do novo modelo de relação que se estabelece entre média e democracia, entre média e partidos, trazendo para o palco da investigação diferentes modalidades de controlo da informação e de influência política sobre os média.

Foi Professor associado do ISCTE/IUL (jubilado desde 2006) e Professor Emérito do ISCTE/IUL; Docente na área de Sociologia da Comunicação durante quase 30 anos.

O seu percurso levou ao exercício de diversos cargos e funções de relevo na sociedade e na academia portuguesa. Coordenou diversos projetos de investigação de âmbito nacional e europeu, era Membro da *International Sociological Association* e foi um dos fundadores da revista *Sociologia Problemas e Práticas* do Centro de Investigação e Estudos de Sociologia. Foi Vice-Presidente do ISCTE, Fundador e Coordenador Científico do Curso de Mestrado³ do Departamento de Sociologia do ISCTE em Comunicação, Cultura e Tecnologias da Informação.

Mas teve também um papel determinante na criação da *Associação Portuguesa das Ciências da Comunicação* (Sopcom) e da *Federação Lusófona das Ciências da Comunicação*

² Retirado de <https://catalogo.biblioteca.iscte-iul.pt/cgi-bin/koha/opac-detail.pl?biblionumber=3233>

³ Consultar Oliveira, J.; Cardoso, G. & Barreiros, J. (org.) (2004). *Comunicação, cultura e tecnologias de informação*. Lisboa: Quimera.

(LUSOCOM), das quais foi Presidente, além de ter sido Membro do Conselho Consultivo do ICAP e da Comissão Nacional da UNESCO.

A sua ligação ao meio jornalístico manteve-se em diferentes moldes, designadamente como comentador residente do programa “Casos de Polícia” da SIC, como Chefe de redação do *Jornal da Madeira*, enquanto Diretor do *Diário de Notícias* do Funchal, como colaborador semanal do *Jornal de Notícias*, sendo ainda o primeiro Provedor do Telespectador da RTP⁴ e o último do jornal *Público*, função que exerceu até ao dia em que nos deixou e onde escreveu as seguintes palavras:

Muitas vezes já pensei em escrever uma nota curricular sob este título: “Fisicamente, morre-se uma única vez; socialmente, podemos morrer e nascer várias vezes”. Não fosse o horror que tenho a autobiografias, já a teria escrito. Entre trajectos muito diversificados, numa vida iniciada na Madeira, em 1936, desde os 23 anos andei sempre perto de jornais, rádio, televisão. Umás vezes por dentro, outras por fora. Na Ilha, estive ligado ao *Jornal da Madeira*, ao *Diário de Notícias*, às rádios locais. No Continente, desde 1976, colaborei no *Expresso*, no *Diário de Lisboa*, e durante dez anos escrevi, semanalmente, no *Jornal de Notícias*. Estive, entre 1992-95, na SIC, em “Casos de polícia”. Entre 2006 e 2011, na RTP, como provedor do telespectador. Ao longo deste trajecto continental, conciliei, com a actividade principal, a docência no ISCTE/IUL, que marcou a minha identidade. Muitas pessoas e amigos conhecem os meus outros e tão diferentes caminhos. Aqui, fixei-me naqueles que, de algum modo, explicam, o onde, agora, vim a desembocar: provedor do leitor do PÚBLICO. É sempre mais perigoso o trajecto que encetamos.

(José Manuel Paquete de Oliveira exerceu o cargo de provedor dos leitores do PÚBLICO entre Dezembro de 2013 e Junho de 2016. Morreu a 11 de Junho de 2016.)⁵

Faz hoje, dia em que termino este artigo, precisamente um ano.

O Docente

Conheci o Professor Paquete, modo de tratamento que nunca alterei, não obstante os seus frequentes pedidos para o tratar informalmente, “agora que já somos colegas”, como dizia, quando este coordenava a área de especialização em Sociologia da Comunicação do ISCTE, estava então eu no 3º ano de Licenciatura e nunca mais abandonei esta área de trabalho.

A primeira grande empreitada com a qual contei com a sua dedicação e sabedoria foi quando o tive como orientador da minha Tese de Licenciatura (Soares, 1996), era ele na altura Vice-Presidente do Conselho Diretivo do ISCTE e comentador residente no programa “Casos de Polícia” na SIC.

⁴ Retitado de <http://www.rtp.pt/programa/tv/p21175>

⁵ Retitado de <http://www.publico.pt/autor/jose-manuel-paquete-de-oliveira>

Desde então tornámo-nos uma equipa, sendo também meu orientador de mestrado e de doutoramento, pois levava muito seriamente esse papel, orientando no verdadeiro sentido da palavra, guiando-nos na nossa autonomia, na nossa liberdade criativa, incitando a nossa busca pelo saber, aguçando a nossa “curiosidade sociológica”.

O Docente José Manuel Paquete de Oliveira inspirou várias gerações de alunos que continuaram os seus percursos académicos e profissionais procurando pôr em prática os seus ensinamentos escolásticos e humanistas. Muitos deles, muitos de nós, continuámos o seu trabalho de desbravar os campos da comunicação humana e da tecnologia da sociedade. Produziram-se dezenas, quiçá centenas de trabalhos académicos relacionados com a área da comunicação, média, novas tecnologias, jornalismo, entre tantos outros campos da sociologia, inspirados ou mesmo orientados diretamente por ele. Muitos dos seus alunos tornaram-se profissionais empenhados no contributo para as respetivas áreas. Há alunos do Professor nas rádios, nos jornais, nas televisões, nos reguladores, nos ministérios, nos partidos, nos organismos públicos, nos organismos internacionais e em tantos outros sectores, a prosseguir a sua obra.

Restam ainda várias gerações de alunos do Professor a prosseguir o seu trabalho de docência e de investigação nas universidades deste país e também fora dele. É esta a grandeza da profissão de docente, o lastro de saber que deixamos e o futuro que inspiramos. Mas quando esse legado nos chega através de alguém excepcional - não apenas pelos seus métodos pedagógicos como pela sua experiência de vida e devoção à relação com os outros, pelo seu exemplo enquanto cidadão -, o nosso rumo e a nossa confiança adquirem contornos ainda mais definidos.

Colocava em tudo o que fazia grande dedicação, tornava cada aluno seu, alguém especial.

Prova disso é o prefácio⁶ escrito por ele e que, entendo agora com maior evidência, constitui um privilégio que releio com especial emoção:

A (IN)AUTONOMIA DOS CIBERMEDI@?

Uma das contingências com que se depara o investigador é a luta contra a temporalidade das coisas e dos factos. E, em especial, no espaço das comunicações electrónicas, essa contingência é quase incontornável. Quando acaba de realizar a sua investigação sobre uma determinada “realidade”, essa mesma realidade já não é aquela que era, mas é “outra”. (...) O trabalho do investigador é, de sua natureza, lento, paciente, e entre a recolha da informação sobre o estado das questões e a maturação reflexiva e sistematizada das conclusões a que levam os dados apurados, não fica um rio, fica um imenso oceano.
(...)

⁶ Excertos do prefácio de Soares, T. (2006). *Cibermedi@: Os Meios de Comunicação Social Portugueses Online* (pp. 9-12). Lisboa: Escolar Editora.

Indesmentivelmente, a Internet veio “incomodar” os “*media*” tradicionais. Trouxe-lhes interrogações, desassossego, quebra de rotinas, também o fim de um certo império. O “Projecto Ciberfaces”, desenvolvido sobre os anos 1998-2000, procurava caracterizar os “conteúdos” da informação disponível no domínio.pt da Internet e bem assim caracterizar os utilizadores e as utilizações da Internet nesse domínio.

(...)

No seu todo, esta análise aos “*media* tradicionais *online*” parece vir ao encontro daqueles que defendem que com a Internet estarmos a viver um novo retorno à escrita. No suporte electrónico, ao contrário do sistema mediático offline, são os jornais a ditar as regras, ou seja “as televisões tendem a seguir as lógicas e os modos de organização e apresentação da informação definidos pelos jornais *online*”. Com alguns resultados positivos: “Esta convergência virtual faz com que as páginas das televisões *online* tendam a conferir um destaque e um aprofundamento aos seus conteúdos informativos que, porventura, não conhecem tal liderança no suporte tradicional”. É verdade que os primeiros registos *online* têm, sobretudo, o sentido de “marcar presença” neste novo domínio, sem denotar um investimento sério. Numa primeira fase, “as utilizações da Internet proliferavam, essencialmente sob a forma de páginas informativas na Web, sendo a prestação de serviços na Rede e as transacções *online* ainda pouco significativas”. Com o decorrer do tempo (...) verifica-se uma preocupação mais acentuada para rentabilizar a presença destes “*media*” na NET. E uma das formas mais indicativas desse cuidado é a interacção provocada com o(s) seu(s) público(s). (...) “os proprietários dos *media* tradicionais têm agora uma nova tarefa: a de identificar e conhecer os seus públicos *online*”. E (...) “As características sociográficas do público dos novos *media online* são tendencialmente dissemelhantes das da audiência televisiva, aproximando-se mais de uma maior segmentação associada aos públicos da imprensa escrita”. No aprofundamento desta interactividade pode nascer um campo de conhecimento melhor aperfeiçoado daqueles que procuram estes “*medi@*”, não só como simples “consumidores”, mas também como “cidadãos”, numa preocupação mais política e menos consumista.

(...)

De alguma maneira, (...) é saber se com este surgimento dos “*cibermedi@*” estamos perante uma nova era ou atravessamos, por outros processos e com expressão electrónica, uma réplica do sistema de produção, difusão e reconhecimento da informação e comunicação mediáticas.

Talvez, por isso, e embora explorando ainda os caminhos de um percurso em aberto, a leitura deste livro nos leve à resposta da (in)autonomia dos *cibermedi@*.

(...)

José Manuel Paquete de Oliveira
Docente e investigador do ISCTE”

O Investigador

O Professor Paquete de Oliveira coordenou durante vários anos a equipa de investigadores na área da sociologia da comunicação do ISCTE. Em 1995 e em 2000 participámos em duas edições de um estudo à escala europeia intitulado: “*Study on assessing the situation of the*

markets for electronic information services in the European economic area” (MSSTUDY I e II), realizado pelo ISCTE em colaboração com a Fundação para a Ciência e a Tecnologia para a Comissão Europeia DG-XIII.

O vanguardismo do Investigador José Manuel Paquete de Oliveira, no desenvolvimento da “Comunicação, *media* e jornalismo” como área autónoma e reconhecida de investigação foi evidente e desde então não mais parou de se desenvolver no ISCTE. Aquele estudo, como o nome indica, foi a primeira análise comparativa a nível Europeu visando apurar o estado de desenvolvimento dos mercados dos serviços eletrónicos de informação nos países-membros da UE e, graças a ele, conta desde então com informação sobre Portugal.

Esta foi a primeira de inúmeras investigações conduzidas por ele, onde as suas ideias sobre o futuro e a importância das novas tecnologias de informação e comunicação foram visionárias. Mas quero deter-me sobre um trabalho que conduziu e que me parece especialmente inovador e merecedor de reconhecimento académico, o Projecto Ciberfaces: *A Sociedade de Informação em Análise – Internet, Interfaces do Social*, que decorreu entre 1998 e 2000 e inseriu-se no âmbito dos projetos de investigação científicos e tecnológicos, financiados pelo Programa PRAXIS XXI da Fundação para a Ciência e a Tecnologia.

Desenvolveu-se a partir de duas dimensões fundamentais:

Na primeira dimensão realizou-se um levantamento, sistematização e análise da oferta de Informação disponível, em termos de localização, identificação e caracterização dos conteúdos presentes no domínio .pt.

Na segunda dimensão, procedemos a uma caracterização dos utilizadores portugueses da internet no sentido de obter uma tipologia de caracterização sociográfica e geodemográfica que delimitasse questões fundamentais associadas aos hábitos de utilização, expectativas, representações, socializações, identidades, sociabilidades e resistências.

A informação recolhida refere-se ao período de 1998 a 2000, anos de grande relevância para a implementação da internet como ferramenta social em Portugal, em termos de desenvolvimento de novas áreas e emergência de novos conteúdos e públicos. Este projeto visava perceber a plataforma estrutural da “Sociedade de Informação” no segmento da sociedade portuguesa, em especial, no que dizia respeito às utilizações que os atores nacionais vinham fazendo desse espaço e aos conteúdos com que o substancializavam.

Este objeto de investigação continha uma contradição de raiz na sua conceção: Como delimitar um domínio (um território, embora virtual) que se inscreve num espaço cuja característica essencial é ser universal? Porém, nesta antinomia residiu a originalidade possível do projeto. Tentar abstrair do todo a delimitação do espaço português, ou como se vai formando o nosso território nesse espaço global “desterritorializado”.

Ao iniciarmos os trabalhos de investigação, a internet em Portugal surgia como uma realidade ainda embrionária, de contornos instáveis e em rápida evolução. O período de duração deste estudo correspondeu à primeira fase de expansão do acesso à internet em

Portugal. A informação necessária ao entendimento das facetas mais relevantes desta realidade era manifestamente escassa no início da pesquisa.

Tendo consciência das dificuldades a enfrentar no estudo de uma realidade em acelerada dinâmica de mudança, adquiriu um particular relevo, a articulação com a componente tecnológica e a necessidade de compaginar as decisões de âmbito metodológico com as exigências, constrangimentos e limites das ferramentas e das opções tecnológicas então ao dispor. Esta tarefa de gestão das linguagens sociológica e tecnológica só foi ultrapassada pela impressionante capacidade diplomática do Professor José Manuel Paquete de Oliveira.

Num projeto de pesquisa orientado para o estudo sociológico de um espaço social fortemente dependente de uma ferramenta tecnológica de informação e comunicação, considerou-se indispensável a imersão direta na realidade em estudo pelo que se decidiu pela criação de uma página *web* do projeto, ação atualmente absolutamente banal, mas na altura verdadeiramente inovadora. Visámos, simultaneamente, o posicionamento e o estabelecimento de contacto no próprio meio, tanto no plano da informação sobre o projeto e a temática em estudo, como no que respeita à possibilidade de *feedback* dos utilizadores do meio, onde estes acediam e respondiam ao próprio *inquérito online*.

O *Inquérito Online aos utilizadores da Internet domínio .pt* foi o primeiro a ser realizado em Portugal e respondido por portugueses para fins meramente académicos e em que se utilizou como ferramenta metodológica de recolha de dados o próprio objeto da investigação – a internet. Era constituído por 4 questionários associados entre si mas que puderam ser respondidos autonomamente e de modo diferido mas *online*:

- Um *Questionário Geral*, integrando questões sobre o acesso e uso da internet; a identidade pessoal e social dos seus utilizadores, as representações que possuíam sobre este meio, complementadas por um conjunto de perguntas de caracterização sociográfica; e três questionários parcelares associados a temáticas específicas:
- *Comércio Electrónico*, dirigido à captação de opiniões e práticas sobre informação comercial e comércio *online*;
- *Listas e Grupos de Conversação*, referente ao acesso, uso e opinião sobre canais de *IRC*, *Talkers*, *Newsgroups* e *Mailing-lists*; embrião do desenvolvimento e da importância que hoje assumem as redes sociais. e
- *Internet e Media Tradicionais*, destinado à recolha de informação sobre a recomposição dos consumos de média e das dinâmicas de alteração do sistema dos média perante a emergência da internet.

De um modo geral, a informação decorrente destes inquéritos permitiu caracterizar o estágio de evolução dos usos de internet e dos restantes meios de comunicação no final do século XX em Portugal, o que se deve a um sociólogo que foi também um historiador da evolução tecnológica nacional. Eu, o Gustavo Cardoso e o José Barreiros, tivemos o privilégio

de pertencer a esta equipa que ele liderou e de prosseguir agora a transferência dos seus ensinamentos.

Referindo-se à crescente relevância assumida pelos média de massa como agentes socializadores (em conjunto com outros agentes de socialização como a família, a escola e as relações de sociabilidade) que determinam grandemente as representações da realidade que os indivíduos vão construindo, o Professor Paquete de Oliveira gostava de salientar que aqueles não reproduzem uma única realidade: “Não existe uma realidade, existem diferentes realidades: há tantas ‘realidades’ quantos discursos possíveis. E a notícia, via média de massa é só, tão só, uma realidade da ‘realidade’” (Oliveira, 1988, p. 125) logo,

mais não fazem do que empreender um processo de significação que favorece um consenso com base nas preocupações fundamentais e comuns à sociedade (...) ao basearem o seu discurso no da ordem social, contribuem para a sua legitimação e promovem a manutenção da coesão social. (Oliveira, 1988, p. 125).

Tânia de Morais Soares
11 de junho de 2017

Referências bibliográficas

Oliveira, J. (1988). *Formas de “Censura Oculta” na Imprensa Escrita em Portugal no Pós 25 de Abril (1974-1987)*, Vol. I. Tese de doutoramento, ISCTE, Lisboa, Portugal.

Oliveira, J. (1992). A integração Europeia e os meios de comunicação social, *Análise Social*, 28(118-119), 995-1024.

Soares, T. (1996). *SIC versus SIC: A representação social de uma realidade televisiva*. Lisboa: ISCTE.

Soares, T. (2006). *Cibermedi@: Os Meios de Comunicação Social Portugueses Online*. Lisboa: Escolar Editora.

Biografia da Autora:

Tânia de Moraes Soares é Socióloga e Diretora do Departamento de Análise de *Media* da Entidade Reguladora para a Comunicação Social. Docente do Mestrado em Comunicação, Cultura e Novas Tecnologias da Informação do ISCTE-IUL, desde 2004. Leciona a cadeira de Políticas Europeias para os *Media*. Representante do Secretariado Permanente da Plataforma das Entidades Reguladoras da Comunicação Social dos Países e Territórios de Língua Portuguesa (PER). Membro do Grupo de Trabalho sobre Proteção de Menores na ERGA (*European Regulators Group for Audiovisual Media Services*). Foi membro da equipa liderada por Paquete de Oliveira, no ISCTE-IUL. Lecionou no ISCTE-IUL, na ESCS, no INP e no IPIAGET. Estagiou na SIC.